

O Espectro

ARTUR LEITÃO
Director politico

■ PROPRIEDADE E EDIÇÃO DA "LVMEN" ■
■ Redacção e Administração: Rua do Mundo, 95, 3.º - LISBOA ■

F. VALENÇA
Director artistico

“Direito” como um bonzo e “torto” como um arrôcho



(DOMINGOS PEREIRA GARROTADO)

Se a “silva” prende, o Silva enforca



A casa em ordem

NA situação embrulhada em que nos encontramos, a política não tem, de momento, que guiar-se pelos ditames de Aristoteles nem pelas doutrinas mais ou menos fantasiosas dos tratadistas. O principal objectivo, o mais instante, é arrumar a casa, que o sr. dr. Domingos Pereira encontrou num estado de confusão lamentavel, com os maples na cozinha, o piano no sótão e a tina de banhos no salão, mercê da desordenada vida dos ultimos inquilinos desta vivenda, em que todos vamos vivendo conforme é possível.

O facto de ser de varrer, arrumar, limpar o pó e encerar, o principal papel do novo ministerio, em nada diminue o prestigio das suas funções e dos seus componentes, antes pelo contrario lhes aumenta as proporções, considerando-se que sobre os ombros lhes impende um verdadeiro trabalho de Hercules, que só tem paralelo na celebrada proeza do semi-deus, conhecida pela limpeza das cavalariças de Augias.

O caso é este e não admite contradicções. O sr. dr. Domingos Pereira toma conta do governo de casa num momento critico em que devemos ao pai-deiro, ao carvoeiro, a todos os fornecedores e em que o predio necessita obras imediatas, porque mete agua pelo telhado e tem os sobrados mesmo numa vergonha. Alem disso, não se sabe quais serão as receitas e menos ainda quais virão a ser as despezas. Os membros da familia andam desavindos, prendem-se mutuamente e, quando se não prendem, dizem se uns aos outros as coisas mais desagradaveis.

Perante esta desordem nas coisas e nas pessoas não é logico, nem razoavel, nem humano exigir-se que, dum momento para o outro, o novo governo, que não possui varinha de condão, realise o milagre de pôr toda a casa em ordem e numa tal prosperidade que as searas brotem espontaneamente entre as pedras das calçadas e o vinho, aproveitando a ausencia da agua, entre a correr

pelas canalisações para casa de cada um. O que se lhe pode logicamente exigir, ao novo governo, é que tire do exemplo alheio a experiencia precisa para se não deixar eclipsar pelos Directorios, especie de ministerios permanentes, á margem da constituição, geradores de toda a confusão politica e administrativa dos ultimos anos.

Uma parte da casa, não menos desarrumada e em desordem que os restantes compartimentos, e que deve merecer ao sr. dr. Domingos Pereira uma particularissima atenção, é a nursery — os aposentos dos bebés traquinas ou seja o parlamento. O dr. Domingos Pereira, que tem sido o governante da azougada população desses aposentos, sabe bem como aquilo tudo está. E o melhor será, logo que os pequenos deem a sua lição de orçamentologia, manda-los para férias, para os campos, para as termas, para as praias, para onde não façam perca nem dano.

Abertas as janelas, batidas as carpetes, arrumada a casa, pense-se então nas eleições, que afinal só interessam á escassa meia duzia de politicos profissionais que morrem por ser deputados ou senadores.

O sr. Domingos Pereira tem a calma, a experiencia e o prestigio necessarios para realisar este trabalho de Hercules sem contrariedades insuperaveis e sem perturbações impeditivas do exito que deve coroar os seus trabalhos. Fechado o parlamento, o socêgo nos arraiais politicos será maior e todas as preoccupações se poderão reduzir ás de pôr isto em estado de virem outros, lá mais para diante, desarrumar outra vez a casa, pondo novamente o fogareiro na casa de jantar e o toilette na cozinha.

Pelo menos nós confiamos na obra de arrumação do sr. Domingos Pereira, por todas as razões e mais uma, que consiste em ter a gente a necessidade de convencer-se de que precisa passar o resto do verão descansado.

P. B. X.

JOSÉ RICARDO



No «Testamento da Velha»
Desenho de Celso Herminio (1895)

Desapareceu da scena da vida e do teatro, o grande e incomparavel artista que levou a rir sessenta e cinco anos, que tantos foram os que viveu. Riu no teatro, nos cafés, nas ruas, a todas as horas e a todos os instantes, fazendo rir os outros. Viveu a vida como os homens de bem que não têm de que chorar e aproveitou-a até aos ultimos momentos, fazendo rir ainda na propria noite da sua morte. Foi preciso que a morte o arrebatasse para fazer chorar alguém.



Fóra da scena
Desenho de Francisco Valença (1923)



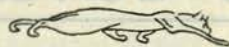
O Pelicano

O Monte-Pio geral, reuniu a sua assembléa geral para resolver um problema da mais alta importancia: saber se o pelicano fica ou sai da fachada do edificio.

As opiniões dividem-se. Rapa o pelicano, tira o pelicano, deixa o pelicano, põe o pelicano... Ha quem queira o pelicano à vista e quem aconselhe mete lo para dentro. Mas o pelicano é um simbolo. Sim, porque os senhores sabem, o pelicano é aquele bicho tão dedicado aos filhos que, quando não tem mais que lhes dar, arranca a carne do proprio peito para os alimentar. Tal qual como o Monte-Pio a que a gente recorre quando não tem que comer, para assim ter possibilidade de jantar carne do peito... Finalmente, foi resolvido conservar o pelicano, que, cada qual sahindo um pouco fóra do simbolismo, pode usar como quizer e chamar-lhes segundo as suas predileções — pombo, pato, perú, assobio, berloque, e até como o poeta Antonio Boto — um figo.

ALFREDO GANDIDO

Inaugurou-se no sábado passado a exposição de desenhos e aguarelas originaes, com que este distinto caricaturista e desenhador, colaborador do *O Espectro*, illustrou a edição de luxo de *A Catedral* de Manuel Ribeiro. Felicitamos Alfredo Cândido pela magnifica obra que produziu, com a qual prova que não sabe só desenhar a rir. Também sabe e bem desenhar a sério.



PUGILATIR

Sexta-feira passada, deu-se uma scena de pugilato no Parlamento, entre os srs. Manuel José da Silva e Joaquim Crisostomo. O primeiro foi-se á cabeça do segundo e fez-lhe um galo.

Pouco depois o sr. Crisostomo, no Senado, deixava cantar o galo contra o governo com tanta furia que se dizia s. ex.³ estar ainda pugilatindo.

MAXIM'S
(CLUB DOS RESTAURADORES)

43 PRAÇA DOS RESTAURADORES—LISBOA
(ANTIGO PALACIO FOZ)

O MELHOR
E MAIS BEM FREQUENTADO
CLUB DA CAPITAL.

MAGNIFICOS SALÕES
E
MONUMENTAL ARQUITECTURA

SERVICO PERMANENTE DE RESTAURANT:
Á CARTA E MESA REDONDA

RESTAURANT UNICO NO GENERO
"DANCING"

COM UMA ESPLENDIDA
ORQUESTRA DE JAZZ-BAND

ABERTO—DESDE AS 15 HORAS—TODA A NOITE

GRANDE HOTEL UNIVERSAL

PEDRAS SALGADAS

ÊSTE grande e bem conhecido Hotel com
todo o conforto é asselo, abriu no dia 1 de
Julho a 30 de Setembro.

Proprietarios:—Florindo Rodrigues Garcia
& C.^ª—Gerente, o socio Rafael Cotto,
a quem deve ser dirigida toda
a correspondencia.

Café Tavares

TODOS OS DIAS:

Almoços e Jantares Concertos

Salas reservadas para banquetes

PAPEIS DE FUMAR
ZIG-ZAG

Os melhores papeis do mundo

Double — Simples — Alcatrão
— Ramsés — Ambrée
Ponta Dourada

Acabam de chegar

PREÇOS OS MESMOS

Pedidos á

CASA HAVANEZA
124, RUA GARRETT, 124
LISBOA

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Serviço regular entre a Metropole e a Africa Ocidental e Oriental Portuguesa

Saidas de Lisboa em 1 de cada mês
para os portos de Africa Ocidental e Oriental

Saidas de Lisboa em 15 de cada mês
para todos os portos da Africa Ocidental

Saidas extraordinárias de Lisboa
e portos do norte da Europa para a Africa,
unicamente para carga

FROTA DA COMPANHIA
PAQUETES

«Nyassa».....	8965 Ton.	«Luabo».....	1385 Ton.
«Angola».....	8305 »	«Chinde».....	1382 »
«Lour. Marques»..	6355 »	«Manica».....	1116 »
«Moçambique»...	5771 »	«Bolama».....	985 »
«Africa».....	5491 »	«Ibo».....	884 »
«Pedro Gomes»...	5471 »	«Ambrize».....	858 »

} Serv. de cabotag.

VAPORES DE CARGA

«Cubango», 8300 ton.—«S Tomé», 6350 ton.—«Cabo Verde», 6200 ton.
«Dondo», 6000 ton.—«Congo», 5080 ton.

REBOCADORES NO TEJO

«Tejo», «Cabinda» e «Congo»

Todos os vapores desta Companhia têm frigorificos, luz electrica,
excellentes acomodações e todos os modernos requisitos de navegação,
proporcionando aos Srs. Passageiros viagens rápidas e comodas.

Escritórios da Companhia | Lisboa:—Rua do Comércio, 85.
| Porto:—R. da Nova Alfandega, 34.

ANVERS, Eife & C^ª, Quaisvan Dyck, 10.—HAMBURGO,
Agentes:—E. Th. Lind, Alsterdamm 39 Europahaus.—ROTTERDAM,
H. Van Krieken, P O B 662.

Telefones:—P B X 2365 a 2370—Administração—Chefe do Expediente
—Informações—Tesouraria e Passagens—Comissariado e Ser-
viços Médicos—Engenheiros (Cais da Fundação)—Cais da Fundi-
ção—Depósito e Armazens.



Refeições políticas

A linha de Cascais era, até ha pouco, uma linha cheia de linha, um pouquinho conservadora talvez, mas alheia a exteriorizações políticas. Bordada de estancias de verão ou de inverno, conforme os gostos e as necessidades do freguez, a linha de Cascais acolhia imparcialmente nas suas praias democraticos, accionistas, nacionalistas, independentes, monarchicos e catholicos, consentindo que todas as côres politicas desbotassem nas aguas do rio ou do Oceano. Como manifestação acentuadamente politica apenas, lá uma vez por outra, a vilegiatura de algum governo mais timorato, que ia até Caxias esperar que os revolucionarios se cançassem de estar á espera.

Ultimamente, porém, esta doce paz edenica foi perturbada por duas manifestações politicas, que revestiram o aspecto gastronomico, que é sempre o mais perigoso, por causa das indigestões.

Primeiramente, foi o dr. José Domingues dos Santos que almoçou com uns amigos em Algés. Logo a seguir foi o sr. Antonio Maria da Silva, que gosta sempre de ir mais longe que o seu correligionario-adversario, quem promoveu uma «taina» politico-discursivo num hotel dos Estoris.

Não ha então já um cantinho do país, onde uma pessoa possa socegradamente aspirar uma lufada de ar não corrompido ainda pelos miasmas da politiquice?

Pobres de nós, habitantes de Lisboa! Se vamos para Sintra, arriscamo-nos a encontrar a fera misteriosa, a devorar ovelhas e se vamos para Cascais igualmente corremos o risco, talvez mais grave, de toparmos os politicos a devorar almoços, que é ainda uma forma de se comerem uns aos outros, como os grilos da historia.

Afirmações

O sr. Germano Martins, que pelo visto não tinha com o sr. Artur Costa qualquer pacto que o obrigasse a não almoçar fora de casa, foi

um dos convivas da espécie de *Té-Deum*, que sob a forma de almoço foi cantado há dias, num hotel do Estoril, em honra e proveito do sr. Antonio Maria da Silva.

Ora um jornal da tarde atribuiu ao sr. Germano Martins duas afirmações, uma das quais êle veiu desmentir, mas deixando de pé a outra, que é a seguinte: «No ministério do Interior eu tencionava dar votos a quem os tivesse».

E deixa-se que um homem, que assim pensa eleitoralmente, abandone a pasta do Interior, um homem que, como ministro, está disposto a dar votos a quem os tiver, uma negação verdadeiramente livre pensadora, porque não querendo dar aos pobres... de votos é porque não quere em prestar a Deus nem mesmo a juros.

E se nós, apanhando o sr. Germano Martins descuidado, lhe levantássemos um monumento?

Barras

COMO os leitores sabem está pendente das diplomacias a resolução dum incidente ocorrido na barra do Guadiana, entre uma canhoneira espanhola e uns navios de pesca portuguezes.

E evidente que o assunto há de esclarecer-se e que definitivamente se arrumará para ressurgir mais tarde, porque enquanto nos não resolvermos a permitir que os nossos vizinhos venham pescar nas nossas águas o peixe que depois quererão vender-nos, os espanhois não descansam na tarefa de nos levar á convicção de que a nossa felicidade se resume em não termos sardinha para comer e exportar.

Todavia, seria interessante ouvir o conspicuo Fidelino, tão versado nestas coisas de nacionalismo espanhol. Devia ser a todos os titulos, curioso ouvi-lo discorrer sobre os direitos historicos da barra do Guadiana, a êle que também é um «barra».

Galerias

NOTAM os jornais serios que, depois da apresentação do governo Domingos Pereira, a camara dos Deputados tem estado mais concorrida no hemiciclo e quasi desertas as galerias.

Justifica-se plenamente esta aparente contradição. E' que o parlamento fez-se para trabalhar e quando ele mostra querer entrar neste caminho os curiosos lembram-se daquêle aviso que ha nas lojas: «Não ha nada pior para quem trabalha do que a presença dos que não teem que fazer» — e não vão lá. Mas quando aos illustres representantes da nação, que ás vezes mal chegam para completar um reduzido *quorum*, lhes dá para o debate galhofeiro, então o publico acorre ás galerias, para se divertir, afim de que não resulte em pura perda o dinheiro que suas excelencias estão ganhando.

O MELRO.

UMA ENTREVISTA SENSACIONAL

A obra que por um triz esteve para realizar o ultimo ministro do Interior

FRANCAMENTE, um facto que nos comoveu foi a saída do sr. Germano Martins do ministerio do Interior. Depois da queda do imperio romano do oriente nenhuma outra queda regista a Historia que tão fundamentalmente nos tenha impressionado como a do sr. Germano Martins.

Convencidos de que o ex illustre estadista tinha um grande plano a realisar pela pasta do Interior, plano que só os azares da politiquice indigena lhe não permitiram levar a cabo (diremos mesmo a sargento, atenta a categoria do quasi eminente homem publico) enviámos um dos nossos redactores ao encontro do ministro do Interior p. p., afim de lhe arrancarmos algumas confidencias com o sacarrolhas da nossa sagacidade jornalística.

O jornalista (como é moda, agora, de si proprios dizerem os entrevistadores) foi encontrar o sr. Germano Martins a estudar laboriosamente um novo pacto a celebrar com o sr. Artur Costa sobre a base da renuncia unanime e anticipada á presidencia da Republica. Sua Ex.^a franziu o sobrelho, o que nele é indício de ginastica mental e quiz saber o que pretendiamos.

— Algumas palavras de V. Ex.^a acerca do seu governo de quinze dias...

— Se isso é piada — retorquiu-nos — não péga. Ha exemplos doutros governos de pouca dura... Olhe, aí tem V. o Carlos Magno, que só governou cem dias!

— V. Ex.^a naturalmente quer referir-se ao governo dos cem dias, de Napoleão?

— Sim, foi um desses imperadores antigos de França: ou o Carlos Magno ou o Napoleão, não estou bem certo.

— E que impressão lhe deixou esta queda brusca?

— Eu quando caí fiquei um pouco sorvado, porque enfim sempre mete ferro... Até telegrafei para Paris, ao dr. Afonso Costa, pouco mais ou menos nestes termos: «Augusto, acabo cair, não caio noutra».

— Augusto? Então não trata o dr. por Afonso? — extranhámos.

— Trato, na intimidade, em Manteigas. Mas em coisas officiais uso a formula disciplinar do partido: «Augusto amo». Nos telegramas suprimo o amo, por economia.

— E' bem achado, sim senhor... Mas dizia V. Ex.^a...

— Dizia que jurei que não caia noutra. Mas caio, tenho a certeza!... Caio como um pacto.

— Como quê? — extranhámos novamente.

— Desculpe! É que eu falo sempre com a ortografia antiga. O que eu queria dizer era que caia como um pato.

— Ah, perfeitamente... Mas voltando à impressão...

— De principio foi desagradavel... Tornou-se muito reparado eu ter-me divorciado do Artur Costa para afinal estar só quinze dias na companhia do Antonio Maria. Até a criada, lá em casa, quando soube da minha demissão por terem retirado da escada o policia, me perguntou se não me tinham pago dois meses adeantados, visto me terem despedido ao fim de quinze dias. E a mulher da limpeza, que andava a encerrar o corredor, quando me viu já sem aquele ar de ministro, que me ficava tão bem, soltou um suspiro e exclamou: «Ai, sr. doutor, esta vida de andar a servir a dias é uma desgraça!...

— Mas depois, o tempo, que tudo apaga, desfez a má impressão...

— Por completo. Hoje vejo que só comecei a ser gente quando saí do interior — para o exterior.

— Permita nos V. Ex.^a que respeitosa e autorisemos a lavar dois tentos. Tinha V. Ex.^a certamente um plano, a realisar pela sua pasta...

— Se tinha! — exclamou com toda a convicção o sr. Germano Martins. — Tinha um plano geometrico.

— Como assim?...

— Geometrico, sim, homem! Um plano para resolver a quadratura do círculo... Lá está v. a arregalar os olhos!... Vocês, os homens dos jornais, são duma tal ignorância!...

— Se V. Ex.^a se dignasse esclarecer-nos...

— É tão facil. Você o que não sabe é pensar. Eu dantes tambem não pensava, mas um dia pensei que tinha que pensar e pensei. Ao principio custava-me, é claro, e só podia pensar em certas coisas e a certas horas. Mas hoje já estou habituado e penso como quero e quando quero. Sinto-me verdadeiramente livre-pensador.

— Mas dizia V. Ex.^a que se propunha resolver a quadratura do círculo...

— Claro como água. Eu estava no Interior, a manejar as eleições. Circulo que quadrasse ao partido era vitória certa. Resolvia, portanto, a quadratura do círculo eleitoral.

Curvamo-nos, reverenciando a esperta malicia geometrica do ex-illustre ministro.

— E a respeito de obras?

— Isso de obras era só para o Lago!

— Para o lago do Campo Grande?

— Não, para o Lago Cerqueira. Ele é que tinha o Trabalho...

— Ah, então V. Ex.^a não fazia nada?

— Não fazia? Ora essa?

— Pois V. Ex.^a não disse que era o sr. Lago Cerqueira quem tinha o trabalho?

— Tinha o Trabalho-pasta, homem de... Até ia a dizer «de Deus», valha-me Deus! Eu já o preveni que falo sempre na ortografia antiga e por consequencia quando digo Trabalho é trabalho com «t h», portanto Trabalho ministerio.

— Isso talvez sejam letras de mais, sr. dr. V. Ex.^a não pode meter um «h» no ministerio do Trabalho.

— Não posso, porque já não sou ministro e por causa da lei travão. Mas se eu quizer, meto o «h» e outras letras mais. Lembre-se de que quem está no poder é o Domingos Pereira, que da outra vez, quando foi presidente do governo, não se contentou em meter nos varios ministerios apenas algumas letras. Meteu alfabetos e alguns deles até eram analfabetos.

— Damos a mão á palmatoria... Mas propriamente uma obra a realizar pela pasta do Interior?...

— Lá isso tinha, é claro. Primeiro ganhar as eleições para o meu partido...

— Depois...

— Depois, umas modificações administrativas.

— Por exemplo...

— Por exemplo... Trocar o Algarve com o Minho, porque não faz sentido que, a quinze anos

de Republica, ainda se continue a afirmar que o Minho foi o berço da monarchia portugêsa. Passando para lá o Algarve acabava-se com a historia do berço e da monarchia.

— Bem engendrado. E que mais?

— Algumas que me lembram, ao acaso... Acabar com a divisão do país em concelhos, porque com a monarchia acabaram-se os conselheiros.

— V. Ex.^a fala pela ortografia antiga?

— Sempre! Outro projecto: pôr a Beira Alta ao mesmo nivel da Beira Baixa, para evitar questões desagradaveis entre os povos, como a do Rosmaninhal.

— E sobre as grandes feras, que se diz estão assolando a Serra de Cintra, que medidas tencionava V. Ex.^a adotar?

— Nenhumas. Isso não tem importancia. Já quando eu estava na Universidade era sabido que Julho, Agosto e Setembro era o tempo das feras grandes.

— Das feras grandes, quer V. Ex.^a dizer?

— Isso é na ortografia moderna! — concluiu Sua Ex.^a, estendendo-nos aquela mão que durante quinze dias segurou as redeas do Interior.

E. DE CÉTRA.



UMA SESSÃO NOS DEPUTADOS

D'aqui a 40 anos

A's quatro da tarde não há lugar vago nas galerias. Na sala, poucos deputados. O *quorum* é de duzia e meia apenas porque o resto já morreu. Na presidencia está o sr. Alberto Vidal estudando o regimento, secretariado pelo sr. Baltazar Teixeira, todo coberto de ligaduras, por ter sido victima de um *complot* organizado pelo pessoal do Congresso, que um dia resolveu sacudir o jugo. O sr. Tavares de Carvalho lê a acta com intervalos de cinco minutos de palavra a palavra.

O sr. *Cancela d'Abreu*: — Sr. Presidente, que horas são?

O sr. *Presidente*: — São horas de fechar. Vou abrir a sessão.

A's 19 e 45 principia a fazer-se a chamada.

O sr. *Presidente*: — Estão presentes 20 srs. deputados. Está aberta a sessão.

O sr. *Pina de Moraes*, numa cadeirinha de rodas: — Pedi a palavra para perguntar ao sr.

Presidente do Ministerio, se tem algum fundamento a local que publica o *Diario de Noticias*, sobre a venda de Portugal a Marrocos.

O sr. *Presidente do Ministerio* (Domingos Pereira). Tem sim, senhor! O governo tomou essa deliberação em virtude das dificuldades que se têm levantado para conciliar as resoluções do Directorio do P. R. P. com os desejos dos partidos, em materia eleitoral. Assim, vendendo-se Portugal a Marrocos, Abd-el-Krim que os ature.

Da bancada nacionalista: — Apoiado. Apoiado. Muito bem. Muitissimo bem.

Da esquerda Democratica, da Acção Republicana e do lado democratico: — Não apoiado. Não pôde ser. Fôra os traidores. Fôra.

Estabelece-se tumulto com grande violencia. Cinco minutos depois só se encontram inteiras as

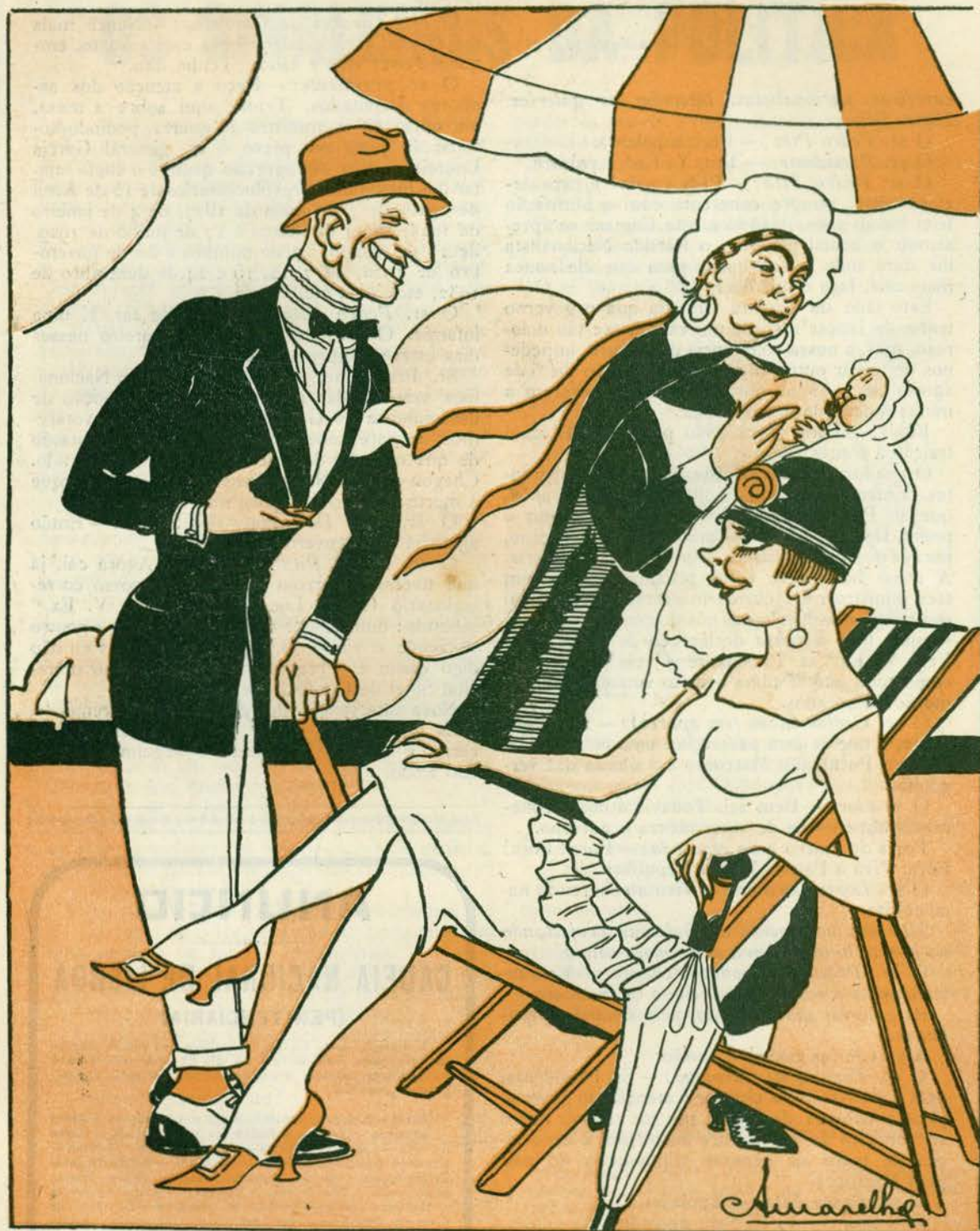
(Continúa na pág. 10)

Transito perigoso



O SINALEIRO: — Pode passar, minha menina

Conclusão lógica



- E que idade tem a ama?
- É nova. Tem 49 anos.
- Ah! Então a filhinha de V. Ex.^a está sendo criada a queijo . . .

UMA SESSÃO NOS DEPUTADOS

(Continuado da pág. 7)

carteiras nacionalistas. Intervém as galerias. Fôra. Fôra.

O sr. *Pedro Pita*: — Peço a palavra.

O sr. *Presidente*: — Tem V. Ex.^a a palavra.

O sr. *Pedro Pita*: — Pedi a palavra para declarar que, sempre coherente com a afirmação feita ha 40 anos, quando a esta Camara se apresentou o actual governo, o Partido Nacionalista lhe dará todo o seu apoio para que ele nunca mais cáia, faça o que fizer.

Este lado da Camara lamenta que o governo tenha de lançar mão de um expediente tão doloroso, mas, a nossa coherencia de sempre, impedenos de tomar outra attitude, visto que no dia 6 de agosto de 1925 'os outros partidos rejeitaram a minha moção de desconfiança.

Vozes: — Fôra. Fôra. Não pode ser! E' uma traição á Patria!

O *orador*: — Bem sei. Mas nós somos coherentes. Entendemos ainda hoje, como ha 40 anos, que ao Partido Nacionalista compete assumir o poder sósinho, mas não faremos cair o governo, porque nisso empenhámos a nossa honra partidaria. A nossa hora deve estar proxima. Só restam tres ministros. Os outros morreram, caíram no seu posto, mas não fomos nós que os fizemos cair, sempre fieis á nossa declaração de ha 40 anos. Veja V. Ex.^a sr. *Presidente* e veja a Camara, como tudo isto se tinha evitado votando a minha moção ha 40 anos.

O sr. *Carlos Olavo (em aparte)*: — Sr. *Presidente*, o que se está passando é uma indignidade. Vender Portugal a Marrocos é a ultima das vergonhas.

O *orador*: — Bem sei. Todavia a nossa coherencia impede-nos de votar contra o governo.

Vozes do centro e da esquerda: — Fôra! Fôra! Fôra. Viva a Patria. Viva a Republica.

O sr. *Lopes Cardoso*: — Viva a coherencia nacionalista.

Intervém novamente as Galerias projectando no hemiciclo uma chuva de tremoço saloio.

O sr. *Presidente*, pondo o chapéu: — Está interrompida a sessão. Aproveitem os tremoços.

As galerias são evacuadas pela Guarda Republicana.

A's 21 horas reabre a sessão.

O sr. *Tavares de Carvalho*: — Sr. *Presidente*, pedi a palavra para chamar a atenção do governo para a carestia da vida e por me constar que o sr. ministro da Agricultura auctorisou a exportação de todos os generos alimenticios do paiz para Marrocos.

O sr. *Pedro Pita*: — Apoiado.

O *orador*: — V. Ex.^a diz apoiado?

O sr. *Pedro Pita*: — Digo, sim senhor.

O *orador*: — V. Ex.^a acha bem que se exporte tudo e nós môrremos á fome?

O sr. *Pedro Pita*: — Acho má. Mas tenho de

apoiar o governo. Morra a gente, mas morra coherente.

O sr. *Tavares de Carvalho*: — Nunca mais me calarei. Hei-de falar, sobre este assunto, emquanto tiver vida e saude. Tenho dito.

O sr. *presidente*: — Peço a atenção dos senhores Deputados. Tenho aqui sobre a mesa, um officio do sr. ministro da guerra, pedindo autorisação para ser preso o sr. general Garcia Loureiro por se ter apurado quem é o chefe militar dos movimentos revolucionarios de 15 de Abril de 1916, de 7 de maio de 1927, de 4 de janeiro de 1928, de 14 de março e 17 de junho de 1929, de 11 de agosto, 27 de outubro e 30 de novembro de 1930, de 7, 12, 15 e 24 de dezembro de 1932, etc., etc., etc.

O sr. *Pedro Pita*: — Não pode ser. É uma infamia. O sr. general Garcia Loureiro nesses dias esteve sempre a jantar comigo.

Sr. *Presidente*, em nome do Partido Nacionalista vou mandar para a mesa uma moção de desconfiança ao Governo, que todos nós votaremos, sempre coherentes com a velha orientação de que o poder deve ser dado ao nosso Partido. Chegou a hora. Não pedimos a dissolução porque a morte já dissolveu quasi toda a Camara.

O sr. *José Domingues dos Santos*: — Então agora já cai o governo?

O sr. *Pedro Pita*: — Ah! cai. Agora cai, já que tiveram o arrojo de tocar no nosso correlegionario Garcia Loureiro. E fiquem V. Ex.^{as} sabendo: numa parte se põe o Loureiro e noutro se vende o vinho. O chefe é outro, mas eu não digo quem é. Perguntem-no V. Ex.^{as} ao marechal Sinel de Cordes, que esse diz tudo.

Nova intervenção das galerias. Mais tremoços, mais vivas, mais fôras, e o sr. *Presidente* encerra a sessão, marcando a seguinte para o ano 2.000.

ANUNCIO

CADEIA NACIONAL DE LISBOA (PENITENCIARIA)

A direcção desta Cadeia faz publico que recebe propostas, em carta fechada, até ao dia 22 deste mês, para o fornecimento, durante o ano economico corrente, dos seguintes productos:

Arroz — Açúcar — Azeite — Atum em salmoura — Alhos — Bacalhau — Batatas — Banha de porco — Café — Carne de vaca — Carne de carneiro — Carne de porco — Colorau — Chouriço (mouro e de carne) — Dobrada — Feijão frade — Feijão branco — Feijão vermelho e outros — Grão — Massas alimenticias — Mão de vaca — Tapioca — Vinagre — Pimenta — Madeiras varias — Pedras de marmore — Espelhos de diversas dimensões — Ferragens para marcenaria — Expediente da secretaria — Lenha rija — Madeira de amieiro.

Cadeia Nacional de Lisboa, 6 de Agosto de 1925. — O director, *Pires de Carvalho*.

OS SINALEIROS DA POLITICA

A semelhança da policia, a Camara dos deputados vai ter o seu sinaleiro, para tornar mais facil a complicação das discussões. Daqui para o futuro não será necessario fazer obstrucionismo; abolir se-hão os tumultos, as scenas de pugilato e as votações com o fim de evitar que um projecto ou uma proposta se converta em lei. A epoca dos camoesas já passou. Esse milagre será muito simplesmente feito pelo sinaleiro. Para esse alto cargo destacar-se-ha o sr. Baltazar Teixeira, que deixará o seu lugar de secretario, indo colocar-se na encrusilhada das coxias, devidamente fardado de Cerbero e tendo na mão direita o *casse tête* — *regimento*. Inicialmente pensou se em lhe pôr um capacete igual aos da policia, mas desistiu-se dessa ideia. O sr. Baltazar continuará, como até aqui, sem ter nada na cabeça.

Depois é muito facil.

Aparece um projecto de lei do dr. Lino Neto, concedendo certas regalias aos catholicos. O sinaleiro ergue o *casse-tête* — *regimento* e indica-lhe o caminho:

— Siga pela esquerda.

E na esquerda lá está o sr. Sá Pereira que lhe faz uma pega de cara e o projecto não passa. Se, por um acaso tiver resistencia e passar, lá está tambem o dr. Camoesas para lhe tratar da saude, com um discurso de 4 kilos e a isso é que o projecto não resiste.

O sr. Cunha Leal manda para a meza um projecto creando um imposto sobre os buracos das fechaduras e o sinaleiro ordena:

— Siga para o barril do lixo.

Surge um projecto destinado a meter na ordem os açambarcadores, os falsificadores de generos, os senhorios gananciosos e o sinaleiro aponta:

— Siga pela direita.

E na direita lá está o Partido Nacionalista e o sr. Carvalho da Silva, que num instante reduzem tudo aquilo a um hino ás forças vivas.

Apresenta o sr. Tavares de Carvalho um projecto sobre a carestia da vida e o sinaleiro indica:

— Siga para a Comissão da Gramatica.

A Comissão da Gramatica nomeia relator do projecto o sr. Tavares Ferreira e, quando o projecto volta, já com o parecer, pergunta toda a gente:

— Onde está o sujeito?

— O sujeito está aqui, sou eu, responde o sr. Tavares Ferreira. Grande risota, manifestações das galerias, e era uma vez um projecto.

O sr. Joaquim Ribeiro requer um negocio urgente que não agrada ao sinaleiro e o sinaleiro determina:

— Siga para o sr. Rodrigues Gaspar.

E o sr. Rodrigues Gaspar, com aquele expediente que todos lhe conhecem, põe-se a estudar o negocio urgente durante dez anos e acaba por

perder os papeis. Pronto. Acabou-se a urgencia e acabou-se o negocio.

Vai proceder-se a uma votação: a campainha toca.

Começam a entrar apressados os deputados.

Primeiro o sr. Antonio Maria da Silva.

O sinaleiro ordena:

— Siga pela esquerda.

O sr. Antonio Maria refila:



— Como pela esquerda, se eu não sou canhoto! E não entra para evitar misturas?

Depois ao sr. José Domingues dos Santos:

— Siga pela direita.

— Om'essa, obtempera o dr. José Domingues. Eu sou canhoto.

E não entra.

E assim sucessivamente até que se verifica não haver numero.

A semelhança da policia que quando não ha gente, nem vehiculos se retira para a esquadra ás tantas da madrugada, o sinaleiro recolhe tambem á mesa onde se procede á contagem dos atropelamentos do regimento.



Outro ladrão fantasma

Este supera o outro — o precursor, ha tres dias preso. Aparece nas Avenidas novas e nas Avenidas velhas, oferece-se ás meninas para qualquer reparação no coração, entra para vêr, medir, apalpar o órgão por dentro e por fóra e sai pretextando que vai, não buscar a ferramenta, mas tratar dos papeis e nunca mais aparece. Só então é que elas percebem que foram roubadas, mas geralmente não se queixam á policia. Ficam á espera que apareça outro ladrão que não se importe de ficar roubado.

Companhia de Moçambique

Governo do Territorio de Manica e Sofala

SÉDE-L. da Biblioteca Publica, 10-LISBOA

COMITÉ DE LONDRES

COMITÉ DE PARIS

Thames House — Queen Street Place-17, Boulevard Haussman

LONDON, E. C.

PARIS

Movimento Comercial em 1923

Importação ...	4.374.373\$00	Esc. ouro
Exportação ..	6.560.358\$00	» »
Reexportação .	21.331.648\$00	» »
Baldeação ...	6.145.418\$00	» »
Trânsito	9.999.619\$00	» »
Cabotagem ...	2.201.151\$00	» »
Total ..	50.612.567\$00	» »



ALHAMBRA

Parque MAYER — Av. Liberdade
 CABARÉ — DANCING — VARIÉDADES
 A Loucura do Prazer

Frequentada pelas mais formosas
 mulheres de Lisboa

Todas as noites:

JAZZ-BAND

Gabinetes reservados

Aberto toda a noite

Espectaculos no genero de Folies Bergère de Paris
 Cuisine et Cave de tout Premier Ordre

COUPONS

da DIVIDA EXTERNA PORTUGUESA,
 BRASILEIROS,
 ARGENTINOS, CHILENOS, ETC., ETC.
VENCIDOS E A VENCER
 COMPRA

PANCADA, MORAES & C.^a
 RUA AUGUSTA, 37 (Esquina R. de S. Julião)

Novidades Literarias

EUGENIO DE CASTRO

Chamas duma candeia velha

CARLOS D'OLIVEIRA

Codigo Administrativo (anotado)

JOÃO AMEAL — Claridade

JOSÉ MOURISCA — Transgressões.

EDIÇÕES DA "LVMEN"

A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

BANCO DE PORTUGAL

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

CAPITAL 13:500.000\$00

SÉDE-Rua do Comercio, 148

LISBOA

CAIXA FILIAL no PORTO

Agencias em todas as capitais dos distritos
 administrativos do Continente
 e Ilhas dos Açores e Madeira, na Covilhã,
 Figueira da Foz, Guimarães, Lamégo,
 e Setubal, e Correspondencias Privativas
 em Eivas, Extremoz, Loulé, Olhão
 e Vila Nova de Portimão.

Correspondentes nas principais terras do País
 e mais importantes praças do Estrangeiro

OPERAÇÕES:— Descontos, transferências, em-
 préstimos e créditos em conta corrente, compra
 e venda de cambiais, cartas de crédito sobre
 praças estrangeiras, depósitos de dinheiro e va-
 lores, e todas as transacções que pela natureza
 especial da sua instituição lhe são permitidas.

A fera da Serra de Cintra

Uma Instituição Nacional

ESTÁ desvendado o misterio da fera da Serra de Cintra.

Não é um leão, nem um lobo, nem um cão. É um monstro gigantesco e apocalíptico, de fauces colossais, que tem o poder de se metamortosear naquilo que lhe apetece e convem ás suas necessidades e ambições. Ora aparece na sombra das florestas solitarias, exibindo as suas formas estranhas e desmedidas, ora se torna pequenino como um insecto, invisível até como um bacilo de Kock. Como os lobis-homens e as almas penadas transporta-se instantaneamente de polo a polo, de mundo a mundo, só pelo impulso da sua vontade. Insensível aos ataques dos mais formidáveis exercitos, é o pavor dos homens e das nações e ri, desdenhosamente, das batidas que fazem á Serra para o exterminar.

Só agora, por ter cometido a imprudencia de ir passar a estação calmosa para Cintra e não variar de fórma e de processos, durante um certo tempo, é que a humanidade começou a aperceber-se da sua existencia e se tomou de panico perante a sua sanha destruidora. De resto a fera vive ha muito entre nós, tudo devorando, tudo destruindo, tudo complicando e confundido.

Assume os mais variados e inverosímeis aspectos, alimenta-se dos mais descontraídos e inconcebíveis alimentos.

Um dia, sob a fórma de homem de estado, devorou em menos de quinze dias todas as vagas que apareceram e engordou, alargou e chamaram-lhe — *gordinho*.

Foi-se a uns terrenos que existiam em certos pontos da cidade e, sob a fórma de engenheiros, arquitetos, operarios e mestres de obras, começou a edificar uma cidade nova, para á sombra daquele pretexto, entrar nos cofres do Estado e arrancar de lá uma opipara sobre-meza de escudos em papel e chamaram-lhe — Bairros Sociais.

Apareceu um belo dia no Tejo a devorar navios e chamaram-lhe: — T. M. E.

Foi ao Estoril, bebeu vinho Lago Cerqueira e ia devorando o ministerio que a muito custo organisára o Dr. Domingos Pereira e chamaram-lhe: — almoço de confraternisação.

Transformou-se em maquina esquisita, devorou os pavimentos das ruas de Lisboa e chamaram-lhe: — Camara Municipal.

Foi ao Partido Nacionalista e devorou-lhe os srs. Ferreira de Mira, Ferreira da Rocha, Moura Pinto e anda atraz do sr. José de Napoles para o devorar tambem e chamaram-lhe — scisão.

Entrou no grupo dos canhotos e devorou-lhe o

Partido Democratico. Quando eles deram por si já não tinham partido e chamaram-lhe — irradiação.

Entrou na Acção Republicana e, com alguma dificuldade, enguliu o sr. Carlos de Vasconcelos e chamaram-lhe — dessidencia.

Penetrou na farta cabeleira do sr. Julio Ribeiro, destruiu-lh'a e chamaram-lhe — caspa.

Foi á Politica, desinquietou o dr. Brito Camacho levando-o a fazer livros e chamaram-lhe — literaturo.

Arrastou para Pariz um grande estadista e chamaram-lhe — Banco Nacional Ultramarino.

Açambarcou, enguliu, devorou todos os generos alimenticios que apanhou á mão e chamaram-lhe — Honrado Comereio.

Lançou bombas de dinamite, perpetrou atentados pessoais, assaltou bancos e companhias e chamar. m-lhe — Legião Vermelha.

Embirrou, prejudicou, massou, descontentou toda a gente e chamaram-lhe — Baltazar Teixeira.

Enguliu e não dijериu o regimento da Camara dos Deputados e chamaram-lhe — Vidal.

Devorou durante nove horas a paciencia de uma Camara inteira e chamaram-lhe — Camoesas.

Escamoteou todos os politicos ministeriaveis, devorou-os durante a ultima crise e chamaram-lhe — Habilidade do Silva.

Devorou governos inteiros, uns atraz dos outros, e chamaram-lhe — Intriga politica e casca de laranja.

Disfarçou-se em revolucionario, foi ao Alto da Ajuda, deu tres tiros de canhão, devorou a ordem publica e chamaram-lhe — Disciplina.

Devorou as suas antigas convicções politicas e chamaram-lhe — Alfredo Pimenta.

Poz um manto real e devorou as receitas do Estado e chamaram-lhe — Adeantamentos.

Devorou um fornecimento de arroz hespanhol e chamaram-lhe — Diplomata.

Enguliu 50 milhões de dolars e chamaram-lhe — o maior de todos.

E depois de tudo isto, só quando aparecem rebanhos mutilados, é que uma população inteira se levanta em massa para dar caça ao monstro.

Podem bater a serra, percorre-la passo a passo, devasta-la, arrasa-la, que o monstro viverá eternamente, continuamente mudando de nome e de feito. A fera da Serra de Cintra é uma Instituição Nacional. Só ha um caçador capaz de a caçar, mas esse ausentou-se para parte incerta e chama-se — Juizo.

O marmelo

O marmelo é uma bola amarela que serve para fazer marmelada e concessões nas colonias portuguesas.

A terra onde nasce o marmelo chama-se marmeleiro e serve para fazer bengalas, instrumentos que se aplicam nas costas de cada um quando se quer impôr uma ideia ou arranjar um emprego do Estado. No ultimo caso deve fazer-se a aplicação juntamente com alguns vivos.

Para se fazer marmelada, juntam-se dois marmelos. Apertam-se, mordem-se e tornam-se a apertar. Quanto mais se apertar, melhor é a marmelada.

Para se fazer marmelo assado, pega-se na fructa, cobre-se de cinza e fala-se-lhe muitas vezes em Afonso Costa, Revoluções, Sedições, Ideal, Nacionalidade, outra vez Afonso Costa, etc., porque é preciso que o marmelo fique sem a pele. Em seguida deita-se-lhe assucar e come-se.



Aos marmelos tambem se chama catrinas e costumam saltar por baixo do pescoço das mulheres.

DR. DA MULA RUSSA.



EXPEDIENTE

O numero 12 deste jornal, correspondente a segunda-feira proxima, 17, publicar-se-á no dia 24 do corrente.

Motivo: a urgente necessidade de se proceder á remodelação e aperfeiçoamento de alguns dos nossos serviços, que, nos estão criando embaraços graves, sempre vencidos, para a regularidade da publicação, á custa de esforços violentos e despesas cruéis e avultadas, que é preciso evitar.

Museu Bordalo Pinheiro

Passou há dias o 9.º aniversário da inauguração do Museu Rafael Bordalo Pinheiro, fundado por Cruz Magalhães e por êle oferecido á Câmara



Municipal. Cruz Magalhães que não chegou a conhecer o mestre da caricatura, prestou-lhe assim uma homenagem que não pode ser levada á conta de amizade, o que o honra, honrando também o formidável artista.



De borla

Os banquetes politicos, afinal, não servem só para se fazerem afirmações de princípios nos fins das refeições. Teem mais prestimoso alcance, porque alimentam e nutrem não só os individuos que neles tomam parte, mas também as indústrias nacionais, mesmo sem compreender nesta designação a retórica discursiva.

Como não se fazem afirmações desta natureza sem fundamento, remetemos o leitor para o frisante exemplo do almoço Antonio Maria, em que a vinicultura nacional sofreu um grande impulso, mercê do réclame gratuito que do banquete resultou para os vinhos do sr. Lago Cerqueira.

Composto e impresso na Tipografia da Empresa do Anuário Comercial Praça dos Restauradores, 24 — Lisboa

O CASO DA CANHONEIRA ESPANHOLA



— Mas então isto aqui já não é português?

— Sei lá! O mapa transformou-se muito depois da guerra...